

ção dos importadores, seja por perturbações nos vínculos importador-consumidor. Estas explicações contrapõem-se a outras existentes, de que a industrialização brasileira desenvolveu-se a partir da ruptura com a sociedade agrário-exportadora, através de um inevitável processo de substituição de importações.

Num segundo momento, o autor procura captar o sentido da ação do empresário. Mostra então a importância e a relativa independência em relação ao económico dos fatores socioculturais na formação do comportamento dos agentes históricos. O conde Matarazzo é socializado numa família de origem nobre, em decadência, numa comunidade de carácter estamental, que se encontrava sob o impacto da dissolução de suas bases económicas, produzida pelo capitalismo. Não encontrando na sua terra natal meios de manter sua "posição" e de realizar sua vida de acordo com os valores estamentais que internalizara, Francisco Matarazzo vai tentar realizar tais valores sobre as bases económicas que lhe proporciona o capitalismo. Agindo objetivamente de acordo com os padrões capitalistas, subjetivamente conservava e tentava realizar os padrões estamentais. Este conflito é que explica o sentido de sua ação e mostra a sobrevivência, numa formação económica atual, de uma herança cultural originada na formação económica ultrapassada.

A síntese destes dois aspectos — a formação da empresa a partir das condições da economia brasileira de então e o sentido subjetivo da ação do empresário — é que proporciona o quadro explicativo da gênese da industrialização brasileira. Desta forma, a economia industrial surgiria no contexto de uma socieda-

de agrário-exportadora, utilizando-se da dissolução dos padrões clássicos de funcionamento desta sociedade. Em consequência, a estrutura social resultante da industrialização estaria eivada dos valores e da organização da sociedade tradicional.

Conde Matarazzo — o empresário e a empresa é a segunda edição, revista e ampliada, da tese de mestrado em sociologia, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, de José de Souza Martins. A primeira publicação, com o título de **Empresário e empresa na biografia do conde Matarazzo**, foi feita pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e teve circulação quase que exclusivamente universitária. O interesse despertado, entretanto, justificou nova edição, que se estende a público mais amplo. Lamentamos que iniciativas deste tipo, de publicação comercial das teses surgidas no meio universitário, sejam ainda muito raras no nosso País. □

Marisa Saenz Leme

The Peter prescription, how to make things go right. How to be creative, confident and competent

Por Laurence J. Peter. William Morrow, 1972. New York, Bantam Edition, 1973. 238 p.

Após ter escrito o livro **Todo mundo é incompetente (The Peter principle)**, já traduzido para o português, e, com toda razão, um imenso sucesso, eis o autor caminhando ao encontro daquilo que está na p. 6 do livro: "Sempre há uma solução fácil para todos os problemas humanos — simples, plausível e errada." (H. L. Mencken)

Desta vez, após uma introdução cintilante de bom humor, o autor entra no pantanal das recomendações. Mas, de acordo com a p. 175 do livro: "A maior parte do nosso assim chamado raciocínio é constituída na procura e encontro de argumentos para que possamos continuar acreditando naquilo, do que já estamos convencidos." (J. H. Robinson)

E na p. 163: "O único homem que pode mudar de idéia é aquele que tem uma." (E. Westcott)

147

Devido ao fato de que todos os críticos do livro em epígrafe têm suas receitas infalíveis da felicidade administrativa e empresarial, a imprensa leiga, seus críticos (todos os que não são administradores com título de, no mínimo, bacharel, mas preferencialmente mestrado ou doutorado) e os profissionais (os "ditos cujos", mais sociólogos, advogados, etc.) não fizeram crítica muito lisonjeira para o autor. Todos concordam em que a receita de Peter nada mais é do que o respiar de velhas teorias. Isto é verdade. Tais críticas são, contudo, daqueles que não preferem ler velhas teorias apresentadas como uma coleção de **bon mot**. E, vista a amostra acima, tais aforismos contribuem para fazer as pessoas prestarem atenção no que se segue, o que já é um sucesso. Outra qualidade do livro é a de procurar despertar nas pessoas um reconhecimento de suas próprias limitações, a fim de evitar que caiam na incompetência. E essas duas imensas vantagens, além de proporcionar sorriso permanente ao leitor, muito mais equilibram as duas desvantagens da apresentação: a interrupção pelos aforismos da continuidade da obra e a subdivisão em pequenos capítulos com conselhos do Dr. Acácio A. D. e Miss Trativo (estes são o tipo de nomes empregados pelo autor).

O eventual tom crítico empregado nas resenhas aqui apresentadas deve-se ao fato de levar-se em conta a faculdade e capacidade técnica de cada um dos professores leitores. Quando um livro é técnico, a resenha pode, além do conteúdo, ter uma crítica técnico-científica, que permita ao leitor da RAE tomar a decisão de comprar eventualmente o livro. Quando o livro é evidentemente de divulgação, no sentido

da chamada "Escola Absurda da Administração" (palavra cunhada pelo colega João Bosco Lodi), a resenha pode ser devidamente crítica, menos no conteúdo e mais na maneira de apresentar o célebre **ridens castigat mores** da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, nos seus trotes históricos.

Apesar de toda pieguice dos conselhos, dos quais damos uma amostra a seguir, eles não deixam de ser interessantes para os administradores:

P. 212, receita n.º 55: "Assegure ao empregado competente a segurança, por meio de aumento sistemático do **status** no seu lugar de trabalho." Por exemplo: nome pintado na porta do escritório, tamanho do escritório, tapetes etc.

P. 215, receita n.º 56: "Encoraje os empregados, fazendo-os acreditar que os pagamentos feitos a eles são baseados no desempenho."

P. 217, receita n.º 57: "Deve haver diferenças reais entre os benefícios que advêm de bom ou mau desempenho."

P. 219: O que se lê, por exemplo, na receita n.º 58 é a totalidade da receita. "Faça de seu trabalho uma empresa cooperativa, fazendo com que os empregados participem nos lucros."

"Todo homem deve ser respeitado como indivíduo e ninguém deve ser ídolo." (A. Einstein)

Observa-se que não há nada de novo nas receitas. Contudo, para se ter uma idéia do sabor do livro, bastam alguns trechos que exemplificam o aforismo conciso com que o autor liquida certos assuntos:

P. 193: "São as aparências que contam, não o desempenho", referindo-se à entrevista de admissão de pessoal; de fato, aspectos como cultura etc., são os fatores que determinam a preferência por um candidato, e a explicação vem nas imortais palavras de Gilvert, colaborador de texto na dupla Gilvert & Sullivan, da Época Vitoriana: "As coisas são raramente o que parecem ser, leite desnatado mascara-se de nata." (W. Gilvert)

Porém, não é somente em administração de pessoal que jorram conselhos que todo neófito pode identificar com facilidade como sendo repetição de velhas histórias. Por exemplo, na p. 183, a receita n.º 46 afirma que o "futuro, e provável, promovido deve ser testado antes", o que não deixa de ser profundamente acaciano.

Receita n.º 25: "Use palavras para mistificar em lugar de clarificar" é uma receita muito velha.

Restam as primeiras 64 páginas de pura alegria. Nelas, na parte chamada "círculo fechado da incompetência" tudo é relembrado, desde a lei de Murphy:

"1) Nada é tão fácil como parece ser.

2) Tudo leva mais tempo do que você estava pensando.

3) Se alguma coisa puder falhar, falhará." (p. 38).

Até Sexo e a sociedade ou A vida após o nascimento — que começa com o brilhante aforismo: "Meu bem, estamos vivendo numa época de transição, disse Adão, enquanto acompanhava Eva para fora do paraíso" (W. Inge) e continua: "Noiva é uma mulher com um bom futuro, de

felicidade deixada no passado.”
(Ambrose Bierce)

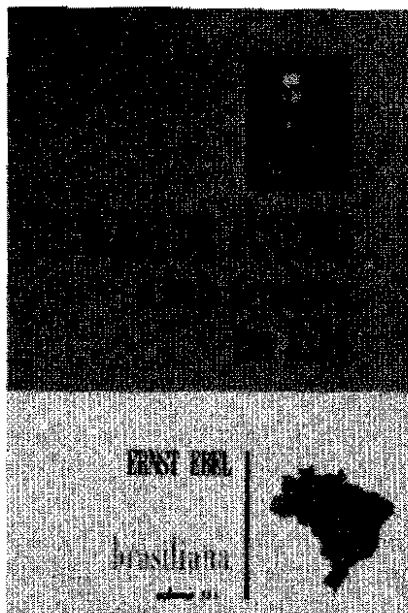
Portanto, recomendamos o livro para uma tarde chuvosa em casa, pois em umas quatro horas pode-se terminá-lo e se uns 10 aforismos ficarem na memória, o leitor, como administrador, não aprendeu muito, ou mesmo nada, mas como orador ou como companheiro de conversas poderá dar a palavra exata no momento certo, o que lhe parecerá ter adquirido certo brilhantismo — e afinal é isso o que mais desejamos; ou como diz o autor: “As coisas são mais facilmente faladas do que feitas, a não ser que você gagueje.” (R. Lewton)

□

Kurt Ernst Weil

O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824

Por Ernest Ebel. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.



A abertura dos portos, em 1808, permitiu que grande número de estrangeiros viessem para o Brasil, a fim de comerciar, difundir as culturas dos seus respectivos países, organizar expedições científicas e tomar conhecimento da nossa sociedade, fauna, flora, potamografia e outras formas de riqueza natural. Daí, por exemplo, a vinda da Missão Francesa e Debret, da expedição de Spix e Martius, de Saint-Hilaire e dos comerciantes Luccok e Koster. Ernest Ebel foi um desses comerciantes que vieram ao Rio de Janeiro, tanto para conhecer a realidade brasileira como para fazer propaganda de produtos russos, pois o autor, apesar de falar o alemão, é da Letônia, Estado incorporado à Rússia naquele momento.

Ernest Ebel morou no Rio de Janeiro, na época da fundação do Império. Ele revela-nos observações interessantíssimas a respeito da cidade e dos seu

arrabaldes. Seu valor é maior porque retrata a vida e a mentalidade da época, além de nos informar sobre uma série de questões pertinentes ao momento em que vive.

O livro de Ebel é rico em informações sobre a vida urbana do Rio de Janeiro e os costumes agrários da região. A respeito da primeira parte, podemos selecionar alguns tópicos: quando trata do problema da moradia, o autor mostra suas condições precárias, acreditando mesmo que a tais alojamentos falem as comodidades usuais e apenas uma pessoa possa morar neles confortavelmente. Da mesma forma, descreve as condições das estalagens, julgando-as, em geral, péssimas. O mesmo faz em relação às obras públicas: “o Imperador por mais que se empenhe, não consegue corrigir a incompetência e a cupidez de seus subordinados” (p. 89). Aliás, Ebel dá-nos um retrato bastante lisonjeiro da figura do Imperador, acreditando-o homem de grande energia e coragem, que governava o País com poderes ilimitados. No entanto, o que nos diz do povo não é nada enaltecedor, chegando mesmo a responsabilizar a mentalidade popular pelo atraso da melhoria do País. Voltando ao problema da cidade, o autor registra a situação precária das farmácias e até mesmo do teatro; surpreende-nos, no entanto, elogiando a situação da prisão da cidade, afirmando que nela reina muita ordem e são bem arejadas, a despeito do grande número de presos. Elogia também o Passeio Público, julgando-o um parque aprazível, embora de reduzidas dimensões, mas que “é atravessado por belas alamedas sombreadas de tamarindos, cajueiros, goiabeiras e mangueiras” (p. 85).